

O Congresso somos nós

Wagner Teixeira

Agora que o caso Jabes Rabelo se desloca rapidamente para a área policial, parece ter surgido uma boa oportunidade de rediscutir os estorvos que o Congresso tem sofrido, ao longo dos anos, pela infeliz atuação de alguns de seus membros. Sempre que um deputado ou senador é acusado de algum tipo de conduta irregular, o que também pode acontecer a qualquer pessoa comum e sem mandato parlamentar, o Congresso é duramente atingido como instituição, por mais que seus dirigentes se esforcem para valorizar as duas Casas, como o fazem os presidentes do Senado e da Câmara dos Deputados, Mauro Benevides e Ibsen Pinheiro.

A propósito, o senador Mauro Benevides insiste na tese de que culpar o Congresso indistintamente é, antes de tudo, um ato de cruel injustiça. Em sua opinião, partilhada pela maioria dos parlamentares experientes, os partidos políticos deveriam selecionar com todo cuidado os aspirantes a cargos eletivos, apresentando somente aqueles mais categorizados e habilitados a exercerem os mandatos com proficiência.

As direções partidárias, de modo geral, pensam da mesma maneira. Mas, infelizmente, na hora de aprovar as nominatas de candidatos, cedem a conveniências primárias, que vão desde o interesse guloso dos que disputam eleições majoritárias até pressões de financiadores das campanhas. O que parece ser irrelevante durante as convenções transforma-se em grande problema depois que os votos são contados e os eleitos solenemente proclamados.

Como qualquer grupo numeroso e representativo, o Congresso acolhe cidadãos de variado comportamento. Se os que erram e desservem o povo são apontados à execra-

ção, dificilmente a opinião pública reconhece os méritos daqueles trabalhadores anônimos que encarram a tarefa legislativa como suprema honra e se desincumbem muito bem das missões que lhes são confiadas.

Por um viés antigo, a imprensa se interessa com mais paixão por um deputado exibicionista do que por outro que se dedique, diuturnamente, a buscar as melhores leis para o País. O páreo se reduz, de modo geral, a uma disputa entre os que têm a simpatia da denominada mídia e aqueles que têm senso de oportunidade para criar notícias de impacto, mesmo que sejam de curta repercussão.

O Congresso precisa, sem dúvida, de uma honesta reavaliação por todos quantos nos dedicamos ao ofício de fazer e imprimir jornais. Os trabalhos das comissões, por exemplo, são raramente divulgados em sua essência e só merecem mais espaço e atenção quando tratam de assuntos momentosos. Importantes temas são discutidos em profundidade no recesso das comissões e só uns poucos felizardos conseguem tomar conhecimento do que ocorre de importante. São, em primeira mão, os eleitores arrolados nos fichários dos parlamentares.

É evidente que não se pode deixar a critério dos veículos de comunicação a mudança na orientação do trabalho de divulgar as atividades do Congresso.

O Congresso não se constitui apenas de mandatários eleitos. Somos, de certa maneira, o Congresso, já que elegemos seus componentes. O problema sério consiste em que não queremos aceitar o ônus de fiscalizar suas atividades, principalmente aquelas desenvolvidas sem estrépito publicitário. Se tencionamos chegar rapidamente ao Primeiro Mundo, um caminho seguro é o de saber valorizar as instituições democráticas naquilo que elas têm de inquestionável excelência.

14 AGO 1991

CORREIO BRAZILIENSE